

dos seus limites, e trabalhar pelos seus candidatos. Não resta a menor dúvida.

E, a partir daí, a gente vê o que vai acontecer. Essas conversas idiotas eu escuto desde quando a Erundina ganhou de nós aqui, com o Maluf. A eleição estava ganha, estávamos todos reunidos para ganhar a eleição, no outro dia a Erundina ganhou. “Agora não vai assumir, por causa do comunismo, o PT”. No outro dia, a Erundina assumiu, acabou. Ainda foi lá na Rota, pegou um monte de policiais da Rota para serem seguranças dela. Então, foi isso o que aconteceu.

Então, a gente está trabalhando aqui para isso. Acho que é hora de sair para as ruas. Não tem nada mais do que isso, como é a democracia, fala-se. Não pode ter é trambicagem de uma mesmo, acho que não vai ter, né?

Tem que fiscalizar e se trabalhar em cima disso. Não tem problema nenhum. Agora, cada um que lute pelos seus candidatos, que vá para a rua, que batalhe, não fique procurando ficção: “vai ter uma revolução, porque se alguém ganhar, se o B ganhar, se o A ganhar...”.

Ganhou, vai levar. E lugar de chorar é na cama, porque é um lugar quente, né. Aquele que perde... Já ganhei muito, já perdi também. É triste perder. Mas não fica inventando. Agora, o trabalho político é buscar voto mesmo. É correr na rua, é buscar o seu time e ir para cima. Essa é a jogada. Não existe... “Ah, a pesquisa...”.

Pesquisa que vale é a do dia. Não interessa se é lbope, se é Datafolha, se é não sei o quê, se o cara fez por telefone. O que vai valer é a do dia, não resta a menor dúvida. O que vale é a pesquisa do dia.

Então, não vamos ficar inventando coisa, inclusive o nosso time, como falei para o Coronel Telhada. O nosso fica... Um quer matar o outro, nós mesmos. Nosso exército mata a nós mesmos.

Ao invés de tentar trabalhar o contrário, nobre deputada candidata ao Senado Janaina Paschoal, o pessoal faz o contrário. Ao invés de ir em cima dos outros, vai em cima de nós mesmos. É o contrário.

Então, não é nada disso. Eu acho que tranquilidade para todo mundo. E não sei o que a imprensa está falando, não sei o quê. Não tem nada disso aí. Ora, tem que pedir voto. Em política se pede voto.

Há mais de 30 anos eu dispuo eleição. O grande exercício é pedir voto, e é lógico que depois quem perdeu vai chorar e quem ganhou vai vibrar pela vitória. Não vai mudar nada mais do que isso aí.

Então é isso que eu queria colocar, Sra. Presidente.

Obrigado e um abraço.

A SRA. PRESIDENTE - JANAINA PASCHOAL - PRTB - Nós agradecemos, deputado. Ouso dizer que V. Exa. dá um importante recado, uma importante orientação, porque realmente se criam narrativas, e essas narrativas nada ajudam, apenas atrapalham. Então a experiência de V. Exa. é muito importante neste momento.

Eu indago aos colegas se alguém mais fará...

O SR. CONTE LOPES - PL - Pela ordem, Sra. Presidente.

A SRA. PRESIDENTE - JANAINA PASCHOAL - PRTB - Chegou um novo colega. Professor, vai fazer uso da palavra? Não? (Voz fora do microfone.) Pois não, deputado.

O SR. CONTE LOPES - PL - Pedir o levantamento da sessão, havendo acordo de lideranças.

A SRA. PRESIDENTE - CORONEL TELHADA - PRTB - Pois não, é regimental. Sras. Deputadas, Srs. Deputados, havendo acordo, esta Presidência, antes de dar por levantados os nossos trabalhos, convoca V. Exas. para a sessão ordinária de amanhã, à hora regimental, sem Ordem do Dia, desejando a todos uma excelente tarde.

Está levantada a presente sessão.

* * *

- Levanta-se a sessão às 14 horas e 36 minutos.

* * *

17 DE AGOSTO DE 2022

80ª SESSÃO ORDINÁRIA
<p>Presidência: CORONEL TELHADA e PROFESSORA BEBEL</p>

<p>PEQUENO EXPEDIENTE</p> <p>1 - CORONEL TELHADA</p> <p>Assume a Presidência e abre a sessão.</p> <p>2 - CARLOS GIANNAZI</p> <p>Por inscrição, faz pronunciamento.</p> <p>3 - PROFESSORA BEBEL</p> <p>Por inscrição, faz pronunciamento.</p> <p>4 - LECI BRANDÃO</p> <p>Por inscrição, faz pronunciamento.</p> <p>5 - JANAINA PASCHOAL</p> <p>Por inscrição, faz pronunciamento.</p> <p>6 - PROFESSORA BEBEL</p> <p>Assume a Presidência.</p> <p>7 - CORONEL TELHADA</p> <p>Por inscrição, faz pronunciamento.</p> <p>8 - PRESIDENTE PROFESSORA BEBEL</p> <p>Anuncia a visita dos alunos do Senac Lapa Tito.</p> <p>9 - CARLOS GIANNAZI</p> <p>Por inscrição, faz pronunciamento.</p> <p>10 - CORONEL TELHADA</p> <p>Assume a Presidência.</p> <p>11 - JANAINA PASCHOAL</p> <p>Para comunicação, faz pronunciamento.</p> <p>12 - PROFESSORA BEBEL</p> <p>Por inscrição, faz pronunciamento.</p> <p>13 - CONTE LOPES</p> <p>Por inscrição, faz pronunciamento.</p> <p>14 - JANAINA PASCHOAL</p> <p>Solicita o levantamento da sessão, por acordo de lideranças.</p> <p>15 - PRESIDENTE CORONEL TELHADA</p> <p>Defere o pedido. Convoca os Srs. Deputados para a sessão ordinária de 18/08, à hora regimental, sem Ordem do Dia. Levanta a sessão.</p> <p>* * *</p> <p>- Assume a Presidência e abre a sessão o Sr. Coronel Telhada.</p> <p>* * *</p> <p>- Passa-se ao</p>
--

PEQUENO EXPEDIENTE

* * *

O SR. PRESIDENTE - CORONEL TELHADA - PP - Presente o número regimental de Sras. Deputadas e Srs. Deputados, sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos. Esta Presidência dispensa a leitura da Ata da sessão anterior e recebe o expediente na data de hoje, dia 17 de agosto de 2022.

Vamos ao Pequeno Expediente com os oradores inscritos. O primeiro orador é o deputado Castello Branco. (Pausa.) Deputado Dr. Jorge do Carmo. (Pausa.) Deputada Márcia Lia. (Pausa.) Deputado Delegado Olim. (Pausa.) Deputado Tenente Nascimento. (Pausa.) Deputado Carlos Giannazi. Vossa Excelência tem o tempo regimental.

O SR. CARLOS GIANNAZI - PSOL - SEM REVISÃO DO ORADOR - Sr. Presidente, deputado Telhada, deputada Bebel, deputada Leci Brandão, telespectador da TV Assembleia, Sr. Presidente, em várias ocasiões, em vários momentos, eu tenho cobrado, aqui pela tribuna inclusive, também pelo Ministério Público, pelo Tribunal de Contas, que haja a solução para uma

escola estadual, um anexo da Escola Estadual Nascimento Sátiro, que fica na cidade de Iporanga.

Lá existe um anexo dessa escola, que é a escola do bairro de Bombas - inclusive, deputada Leci Brandão, que fica em um quilombo - e o acesso a essa escola é muito difícil e a Secretaria da Educação até hoje não solucionou o problema.

O estado mais rico do Brasil, que está aprovando um orçamento com a previsão de 300 bilhões de reais para o ano que vem, o maior orçamento da história de São Paulo, nosso orçamento do ano de 2022 era de 286 bilhões de reais, e a situação da escola continua a mesma e até pior.

Tenho conversado bastante com os professores, já fiz vários encaminhamentos e pedidos à Seduc para que pelo menos os professores recebam o ALE, que é o adicional de difícil acesso ao local de exercício, mas até hoje nada. Estou há dois anos cobrando da Seduc.

A Seduc se transformou em um comitê eleitoral, deputada Bebel, do Rossieli. Virou um comitê aquilo, do Rossieli, ex-secretário que é candidato a deputado federal. É isso que virou a Seduc hoje, que não resolve mais os problemas efetivos da rede estadual.

O fato é que essa escola que se chama Bombas é uma escola da rede estadual, pertence à Escola Estadual Nascimento Sátiro, essa escola está totalmente abandonada, os professores caminham horas, quilômetros, para chegar até essa escola. A merenda, presidente, é transportada em burros, em animais.

Eu tenho fotos aqui com as quais gostaria de ilustrar o que estou dizendo, olhem só, os professores caminhando na mata fechada, durante horas, para chegar até a escola, para lecionar para os alunos que vivem nessa comunidade. Vejam só a trilha dos professores.

Aqui é o burro, o animal que leva a merenda da cidade, da escola sede, escola Nascimento Sátiro, até a Escola Bombas. Aqui é o local, porque os professores dormem praticamente na escola, porque eles não podem voltar.

Eles caminham 10 quilômetros para chegar à escola na mata fechada, então o professor dorme a semana toda dentro dessa estrutura da escola, dessa maneira. São colchonetes. É no estado de São Paulo, o estado mais rico da federação.

Tem mais fotos mostrando. Aqui ainda o burro, o animal que leva a merenda, que faz essa trilha. Essa é a escola. Essa escola tem goteiras, o telhado é de zinco, chove dentro da escola. É uma escola totalmente improvisada. Há 30 anos que a escola funciona dessa maneira e nada foi feito até agora. Trinta anos de “Tucanistão” do PSDB e a escola continua da mesma forma.

Aqui uma professora fazendo a trilha no meio do barro, quando chove, até chegar à escola. Ela caminha vários quilômetros, são horas de caminhada. Aqui é o parquinho das crianças da Educação Infantil. Olha só. Isso é São Paulo, gente. Estamos em São Paulo, o estado mais rico da América Latina. Tem mais fotos, vamos passando. Aqui as trilhas dos professores. Deixeme ver se tenho mais fotos. Enfim, é isso.

Eu já fiz essa denúncia várias vezes. Coloquei outras fotos mostrando a situação. O que mais me intriga é que nada foi feito até agora. São anos, 30 anos de PSDB no governo e a escola continua da mesma forma. Tem goteiras, a escola não tem internet, não tem infraestrutura nenhuma.

Eu já acionei o Ministério Público Estadual, já acionei o Tribunal de Contas, já levei o caso para a nossa Comissão de Educação, mas não há mais o que se fazer - não é possível - a não ser tirar o PSDB do estado de São Paulo para ver se a gente resolve essa situação.

Então, aqui da tribuna, Sr. Presidente, mais uma vez, eu gostaria de acionar o Ministério Público estadual e o Tribunal de Contas do Estado de São Paulo para que providências sejam tomadas imediatamente para que a escola seja reconstruída, para que haja transporte adequado para os professores, para que seja pago o ALE, porque é uma agressão à dignidade humana não só dos professores e das professoras, mas também de toda a comunidade escolar da Escola Bombas.

Eu gostaria que cópias do meu pronunciamento fossem encaminhadas ao Ministério Público, ao Tribunal de Contas e também à Secretaria Estadual de Educação, ao novo secretário de Educação.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - CORONEL TELHADA - PP - Muito obrigado, Sr. Deputado. Solicito à nossa assessoria que encaminhe as palavras do deputado Giannazi às autoridades que ele solicitou.

A próxima deputada é a deputada Janaina Paschoal. (Pausa.) Deputado Luiz Fernando. (Pausa.) Deputado Sebastião Santos. (Pausa.) Deputado Major Mecca. (Pausa.) Deputado Caio França. (Pausa.) Deputado Coronel Telhada. Falarei posteriormente. Deputado Frederico d’Ávila. (Pausa.)

Deputado Marcos Damasio. (Pausa.) Deputada Marta Costa. (Pausa.) Deputado Adalberto Freitas. (Pausa.) Deputado Jorge Wilson Xerife do Consumidor. (Pausa.) Deputado Edmir Chedid. (Pausa.) Deputada Professora Bebel. Vossa Excelência tem o tempo regimental.

A SRA. PROFESSORA BEBEL - PT - SEM REVISÃO DO ORADOR - Boa tarde, Sr. Presidente. Cumprimento os assessores da Mesa Diretora de trabalhos, os assessores à esquerda, à direita, enfim, as Sras. Deputadas e os Srs. Deputados.

Eu subo a esta tribuna porque, vejam bem, o deputado Giannazi trouxe aqui um exemplo quase diuturno do que ocorre nas escolas públicas estaduais e até mesmo municipais, porque, enfim, são dificuldades que os estudantes e alunos enfrentam, que é a falta de estrutura.

Nós fizemos uma pesquisa através do Instituto dos Arquitetos do Brasil que demonstra, deputado Giannazi, que não têm condições de funcionamento, as escolas públicas. Eu não tenho nenhum preconceito com cadeira, com nada disso, mas as escolas, hoje, são “cadeiões”.

Eu acho que a gente tem que trabalhar a cultura da paz. Esse é um sentido; e que paz a gente entende, de que forma a gente entende que é a paz. Agora, tentar trancafiar e já de antemão tratar como cadeião eu acho ruim. Eu penso que um próximo governador deva assumir um calendário de reformas que dê condições estruturais inclusive.

Porque quando se fala em qualidade de ensino a gente não pode pensar na qualidade de ensino somente se a ponta consegue aprender, se a ponta lá, o aluno conseguiu ter acesso. Também; mas para chegar até lá nós precisamos valorizar os profissionais da Educação.

Nós temos que ter um número adequado de alunos. E quando eu estou falando em número adequado, nós falamos em, no máximo, 25 alunos, o que é bastante. Atualmente se convive com 40, 50 alunos numa sala de aula; e gente está falando em jornada. Hoje, o professor nessa famigerada dita carreira ou subsídio, dê-se o nome que dá, está trabalhando 40 horas dentro da escola; está ganhando menos que a carreira antiga.

Essa foi a balela que foi passada aqui e que eu não votei a favor. Acredito que o deputado Telhada também não e que a deputada Janaina também não, até porque ela discutia conosco a questão do método de votação, que não poderia ser daquela forma. Nós debatemos muito mais o método do que a própria...

Porque o conteúdo nós sabíamos, cada um que defendesse o que quisesse. Mas aí, enfim, foi feito da forma... Foi o que várias vezes o próprio deputado presidente sempre dizia: “É um tapa na cara de vocês”. E era, porque tacava os dez por cento para impor a gente votar no pacote fechado.

Então não dá. Hoje, por exemplo, na carreira atual, o professor ganha R\$ 26,29. Na carreira agora imposta a subsídio, R\$ 25,00; está ganhando R\$ 1,25 a menos. Então o que é a mais? É trabalhar mais; essa é lógica. Se a lógica é esta não

precisava ter feito aquela parafarnália que foi feita na vida dos professores.

Nós temos que urgentemente pedir para que o novo governador rompa com essa política de subsídio, que tem uma carreira... Abra uma negociação em torno de uma carreira atraente: que a gente possa ter a nossa jornada de trabalho, mas tempo para organizar as aulas.

Por isso que tem que ter horário de trabalho pedagógico coletivo, que acabou. O HTPL é o que nós levamos para casa. Não recebemos por isso. Temos que receber. Então as escolas PEI... A escola PEI é uma farsa que é de ensino integral. “A senhora é contra ensino integral?”. Não, não sou.

Da concepção dela eu sou, dessa aí eu sou, porque é possível ter uma escola de tempo integral em que os professores deem 26 horas/aula na sala de aula, 14 hora e você consiga fixar o professor na escola. Precisa ter concurso público. O número de professores da categoria “O” superou o número de professores efetivos.

Sabe quando foi feito o último concurso público? Depois da greve de 2013 que nós fizemos e ganhamos na rua aquele concurso de 59.000 vagas. Então por essa razão, deputado Telhada, eu acho que é importante esta Casa ter acordo. E para terminar de fato, dizer que este ano ainda, que pelo que eu sinto não se aprova nada, nós temos que ter o empenho de devolver o salário dos aposentados e pensionistas.

Ou seja, acabar com o conflito de salários e aposentadorias, porque tem acordo na Casa. O que não tem acordo é com quem quer continuar surrupiando o dinheiro dos servidores aposentados e pensionistas.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - CORONEL TELHADA - PP - Muito obrigado, Sra. Deputada. A próxima deputada é a deputada Leci Brandão. Vossa Excelência tem o tempo regimental.

A SRA. LECI BRANDÃO - PCdoB - SEM REVISÃO DO ORADOR - Excelentíssimo Sr. Presidente Coronel Telhada, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, funcionários desta Casa, público que nos assiste pela nossa TV Alesp, o combate ao racismo religioso e à intolerância religiosa é um assunto extremamente sério, que, para mim, é um compromisso não só da política, mas um compromisso de vida.

Eu não posso ficar calada vendo pessoas usarem essa questão por motivos eleitoreiros. Discursos de ódio contra as religiões de matriz africana não cabem mais neste País. Usaram o equipamento da Administração Pública, no caso, o Palácio do Planalto, para disseminar este ódio, como parece ter se tornado comum no atual desgoverno. Aconteceu. Ontem, mais uma vez, assisti em vídeo um discurso de intolerância feito pela ainda primeira-dama deste país. Nesse discurso, ela falava temer que o Brasil caia na mão de inimigos, mão de inimigos, gente do mal.

Eu queria dizer que o Brasil caiu nas mãos dos inimigos do povo quando o desgoverno do qual ela faz parte assumiu. Assumiu trazendo desemprego, fome, desmatamento, genocídio, uma série de coisas ruins.

Assim como ela, eu espero, sim, que Deus dê sabedoria e discernimento ao nosso povo, para que ele se livre definitivamente de seus verdadeiros inimigos. Não ao ódio, não ao racismo e não à intolerância religiosa. Meu nome é Leci Brandão, deputada estadual do estado de São Paulo. Sou uma pessoa que respeita todas as religiões, inclusive as religiões de matriz africana.

Muito obrigada, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - CORONEL TELHADA - PP - Obrigado, Sra. Deputada Leci Brandão.

Pela Lista Suplementar, deputado Delegado Olim. (Pausa.) Deputado Sebastião Santos. (Pausa.) Deputado Castello Branco. (Pausa.) Deputado Carlos Giannazi. (Pausa.) Deputado Gil Diniz. (Pausa.) Deputado Caio França. (Pausa.) Deputado Jorge Wilson Xerife do Consumidor. (Pausa.) Deputado Coronel Nishikawa. (Pausa.) Eu vou solicitar a presença na tribuna da deputada Janaina Paschoal. Vossa Excelência tem o tempo regimental de cinco minutos.

Deputada Bebel, a senhora poderia assumir a Presidência, por gentileza? Porque em seguida eu farei uso da palavra depois da deputada Janaina, por gentileza. Com a palavra a deputada Janaina Paschoal.

A SRA. JANAINA PASCHOAL - PRTB - SEM REVISÃO DO ORADOR - Cumprimento as pessoas que nos acompanham, V. Exa., Sr. Presidente, Sras. Deputadas, colegas aqui presentes, eu queria conversar um pouquinho sobre a liberdade na Educação.

Ontem recebi o telefonema de um cidadão do interior para noticiar que mais uma família vem sofrendo perseguição por ser partidária, adepta, ao homeschooling, ou ao ensino domiciliar. Eu quero ser muito transparente aqui, não gosto de me manifestar de forma a agradar um grupo sem desagradar o outro. Eu gosto de ser muito clara conforme os meus pensamentos.

Eu não sou uma entusiasta do homeschooling. Também não sou uma entusiasta do ensino domiciliar, que é um sinônimo. Não sou. Mas sempre defendi a liberdade dos pais, como defendo a liberdade de os pais, por exemplo, escolherem se seus filhos vão aderir ao sistema integral. Aliás, é um problema que nós estamos enfrentando aqui no Estado. Eu sou uma entusiasta do ensino de tempo integral.

Mas eu ouço as mães, ouço as famílias, ouço os adolescentes, e muitos não têm condições de se adaptar a esse novo sistema. Então nós temos que trabalhar com vários modelos de Educação, atendendo as necessidades, as especificidades, das famílias, dos estudantes. Então, por exemplo: “Janaina, você é contrária ou favorável ao colégio cívico-militar?” Não é a questão de ser contrária ou favorável, é um modelo.

Tem famílias que gostam, tem educadores que gostam. “Você é contrária ou favorável ao método construtivista? Montessoriano? Tradicional?” E, assim, tantos outros. Nós temos que ter pluralidade na Educação, como temos pluralidade no nosso país, graças a Deus, graças a Deus.

* * *

- Assume a Presidência a Sra. Professora Bebel.

* * *

O que está me incomodando? Esses pais que estão sendo perseguidos por serem adeptos do homeschooling, do ensino domiciliar, eles já não estão mais apenas sendo notificados, apenas sendo convidados a uma reunião, ao Conselho Tutelar ou ao Ministério Público. Eles estão sendo notificados como autores de abandono intelectual.

E eu sou obrigada a dizer aqui na condição de professora de Direito Penal: a família que educa, ainda que por um modelo que não seja o modelo que o Estado entenda que é o melhor, a família que educa não pode ser enquadrada como autora de abandono intelectual, porque o crime de abandono intelectual é o não educar, é negar à criança e ao adolescente instrução, e não raras vezes crianças e adolescentes que recebem essa atenção no ensino doméstico, familiar, têm desempenho acadêmico superior até do que nas escolas.

Com isso não estou dizendo que é melhor ou pior. O que eu estou tentando dizer é que não é correto à luz do Direito o que estão fazendo com essas famílias. Isso gera pânico, isso coloca as famílias na clandestinidade.

Mesmo quem defende o ensino domiciliar ou o direito a essa escolha defende, como eu defendo, que essas crianças tenham uma vida social, que participem, por exemplo, de alguma atividade esportiva, cultural. Que isso seja registrado, que passem por provas com alguma frequência.

Se o Ministério Público, se os Conselhos Tutelares jogarem essas famílias na clandestinidade, nós tiraremos essas crianças dessas atividades. Tem famílias que estão se mudando para lugares distantes para não serem alcançadas por essas perseguições.

Então, o que eu venho pedir aqui, como fiz há duas semanas e foi uma polêmica danada com relação à liberdade religiosa, o nosso país é plural, gente, é um país de pessoas que pensam, que querem educar seus filhos, que querem viver de maneiras diferentes.

Ou nós aprendemos a conviver com essas muitas concepções de vida ou de alguma maneira as pessoas vão cair na clandestinidade. Isso gera revolta, isso gera cisão, não é o que nós queremos.

Então, eu peço encarecidamente que conselheiros tutelares, membros do Ministério Público, magistrados das varas da infância que não persigam as famílias, chamem para o diálogo, avaliem essas crianças, verifiquem se estão recebendo educação ou não, façam um acompanhamento. Isso é muito mais produtivo, saudável e seguro para as próprias crianças.

Muito obrigada, Sra. Presidente.

A SRA. PRESIDENTE - PROFESSORA BEBEL - PT - Obrigada, Sra. Deputada Janaina Paschoal.

Eu então passo agora a palavra ao deputado Coronel Telhada pelo tempo regimental de cinco minutos.

O SR. CORONEL TELHADA - PP - SEM REVISÃO DO ORADOR - Obrigado, Sra. Presidente.

Saúdo todos os deputados aqui presentes, assessores, funcionários, nossos queridos e queridas policiais militares, policiais civis aqui presentes, todos os que nos assistem pela Rede Alesp na data de hoje, dia 17 de agosto de 2022, uma quarta-feira.

Hoje é uma data importante, que é a primeira data do meu nascimento. Eu já nasci várias vezes. Nasci no dia em que eu nasci mesmo, dia 10 de outubro de 61, mas ao longo da carreira de 33 anos que eu servi patrulhando as ruas de São Paulo eu nasci algumas outras vezes também, e uma dessas vezes foi no dia 17 de agosto de 1990.

Eu era primeiro-tenente, trabalhava nas Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, comandava o Pelotão de Rota Matutina e naquele dia nós saímos do quartel e fomos patrulhar a zona norte da capital, onde nos deparamos com uma família que morava num quintal com várias residências, várias residências de alvenaria, e aquelas pessoas foram expulsas da sua residência por criminosos que estavam retirando as famílias das residências e colocando os parentes dos criminosos para morar naquelas residências.

Nós estávamos apresentando uma ocorrência na 45ª DP, na Brasíliandia, quando fomos solicitados por essa senhora, uma família que, inclusive, o marido dela já havia até sido baleado por um dos criminosos que estava aterrorizando a região.

Eu me lembro que nós fomos ao local, eu lembro o local até hoje, R. Celestino Moreira, nº 3. Era início de noite, eram mais ou menos 18:30, 19 horas, e nós fomos para o local. Chegando naquele local, ao darmos a voz de prisão para aqueles criminosos - dois criminosos - um se rendeu e foi preso, mas o segundo indivíduo atirou contra a gente e me baleou naquela noite. No tiroeteio, ele acabou sendo ferido também.

Eu fui socorrido pelo Hospital de Piritiba; ele, no Hospital João Paulo I. Ele faleceu, e eu estou aqui, graças a Deus. Nós temos até alguns recortes de jornais daquela época, tem uma imagem aí. Vagner, coloque a imagem, por gentileza. Nós estamos no “Jornal da Tarde”.

Para os senhores e as senhoras terem uma ideia, nós estávamos dentro da viatura com o repórter do então “Jornal da Tarde”. Hoje esse jornal não existe mais. Veja como a gente está ficando velho, coisa de 32 anos, foi em 1990. Trinta e dois anos dessa ocorrência.

Nessa foto in loco o repórter estava conosco, era um repórter e um jornalista. Naquela época não havia celulares, não havia jeito de fazer vídeo, então os jornalistas acompanhavam as ocorrências. Justamente nesse dia nós tínhamos um jornalista dentro da viatura que acabou fotografando o tiroeteio, inclusive eu baleado no local.

Eu agradeço, porque foi a primeira vez que eu estive nessa ocorrência. Estávamos eu, o soldado Arnaldo - que na foto aparece ao meu lado me socorrendo. Era meu motorista, um policial excepcional, infelizmente, já falecido. Estava o hoje sargento Gimenez, que na época era cabo, sargento aposentado hoje e o saudoso Rosivaldo, que já é falecido também.

Só para a gente mostrar, porque muita gente não acredita, as pessoas ouvem as histórias, os caras nasceram depois disso e não acreditam quando a gente conta a história de que a gente enfrentava o crime, enfrentava criminosos diariamente, trocávamos tiro na rua.

Tem cara que acha que isso é ficção. O cara nunca viu um ladrão na vida e quando a gente fala que a gente enfrenta o crime, que o ladrão é perigoso, que o ladrão está armado, que ele atira na polícia, tem gente que faz aquela cara de “ué”, duvidando, até acontecer com ele. Quando acontece com ele, ele quer a polícia do lado.

Mas a realidade da Polícia Militar é essa. Pode deixar a imagem, Vagner, por favor. A realidade da Polícia Militar é essa, trocando tiro com bandido todo dia, tomando tiro, dando tiro. Graças a Deus, eu estou aqui para contar história, mas vocês veem que diariamente eu venho aqui falar de policiais militares que faleceram no cumprimento do dever.

Peço para colocar a imagem na tela, por favor. Aí, não há qualquer dúvida. Podem ver que, inclusive, na foto ali dá para ver o buraco da bala no meu braço e o sangue escorrendo. Isso não é ficção, não é montagem, não é maquiagem, é verdade isso.

Então, para aqueles que duvidam, nada como a gente mostrar as provas materiais. Não é, deputada Janaina? A senhora que é criminalista. Mostramos para a turma acreditar que é verdade.

Essa é a realidade que os nossos policiais militares continuam enfrentando até hoje nas ruas. Até hoje nossos policiais diariamente enfrentam essa realidade. E nós, como patrulheiros que fomos a vida toda - 33 anos de serviço ativo na Polícia Militar e agora dez anos aposentado, mas trabalhando aqui no campo político - nós continuamos zelando pela Segurança Pública, que, infelizmente, tem uma série de deficiências.

Nós estamos com uma série de fragilidades na Segurança Pública hoje. O policial ganhando um salário horrível. Nós temos que rever esse salário dos nossos policiais, do funcionalismo em geral já é horrível, dos nossos policiais então, pelo amor de Deus.

Condições difíceis para os policiais, a saúde da Segurança Pública está em uma situação decadente, nosso Hospital Militar pede socorro, o servidor público pede socorro. Então todo o funcionalismo hoje se encontra em uma situação muito difícil no estado de São Paulo.

A gente não pode deixar, de todas as vezes que nós estamos na tribuna, de pedir ao nosso governador do Estado para que olhe com bons olhos o seu funcionalismo, aqueles que fazem o estado de São Paulo funcionar, da sua Polícia Militar, da sua Polícia Civil, da sua Polícia Técnico Científica, da Secretaria da Administração Penitenciária, dos professores, da Saúde. Todos estão em uma situação muito difícil. A cada dia que passa, ao invés de melhorar, parece que piora o negócio.

Então, governador, o senhor tem uma obrigação com os seus funcionários. Somos nós que mantemos o Estado rodando, somos nós que mantemos o Estado funcionando, não é o senhor. O senhor é o governador, o senhor governa, nós trabalhamos para o povo de São Paulo.

Então é necessário reconhecimento. É necessário um salário digno. É necessária uma Saúde digna. É necessário que todos os funcionários do Estado de São Paulo - e eu falo em nome da Polícia Militar - tenham uma vida digna para as suas famílias e para também poder sustentar as suas famílias, e trazer um serviço melhor ao estado de São Paulo.

Muito obrigado, Sra. Deputada.